

DEAE SVLI MINERVAE: OS PEDIDOS DE JUSTIÇA À DEUSA DAS ÁGUAS MEDICINAIS

Jhan Lima Daetwyler³⁰

Orientadora: Prof.^ª. Dr.^ª Cláudia Beltrão da Rosa

RESUMO

Após 43 d.C., a *Britannia* estava anexada ao Império Romano. Durante o processo de pacificação da nova província, os romanos encontraram uma deusa local na cidade de *Aquae Sulis*. Utilizando-se da *interpretatio*, Roma criou uma nova divindade, Sulis Minerva e reconstruiu seu santuário no modelo clássico. O trabalho consiste em uma abordagem das interações religiosas romano-bretãs na *Britannia* romana, no qual mais especificamente serão tratadas as práticas religiosas vinculadas aos *defixiones* bretões encontrados na nascente do templo de Sulis Minerva. Desse modo, serão analisados dois *defixiones* direcionados a deusa romano-bretã da cidade *Aquae Sulis*. O foco está na religião e seus conceitos, buscando compreender o modo de vida dos grupos humanos no passado.

Palavras-chave: *Interpretatio*; Interações Religiosas; *Britannia*; Romanos.

Este trabalho é uma apresentação dos resultados parciais da primeira fase de atividades do projeto de pesquisa, “O Santuário de Sulis Minerva: uma abordagem das interações religiosas romano-bretãs na *Britannia* romana”, que está sendo realizado com financiamento da FAPERJ. Nesse artigo, serão tratadas as práticas religiosas vinculadas aos tabletes bretões encontrados na nascente do templo de Sulis Minerva. Desse modo, serão analisados dois tabletes distintos direcionados a deusa romano-bretã da cidade *Aquae*

³⁰ Graduando de História (UNIRIO). Bolsista de Iniciação Científica da FAPERJ.

Sulis. Para uma melhor reflexão do tema proposto, é preciso compreender o conceito-chave dessa pesquisa: a *interpretatio* entre a divindade romana (Minerva) e bretã (*Sulis*).

A deusa das águas medicinais

Quando simplesmente esquecemos de que o nosso modo de vida é totalmente diferente da maneira que viviam os antigos, acabam usando apenas nossas experiências e critérios para explicar as ações do passado. Não enxergando que esses povos antigos eram diferentes de nós em seus gostos, crenças, temores e atitudes, nós deixamos de enxergar o passado. É importante não esquecer que em um trabalho sobre a Antiguidade se baseia em hipóteses, trata-se de uma possível Reconstrução e quando alguém busca os clássicos é porque essa pessoa quer encontrar algo de que esteja precisando. Desse modo, quando se aborda a religião, o cuidado deve ser ainda maior.

A cidade de *Aquae Sulis* (atual Bath na Inglaterra) era um *oppidum* (cidadela, pequena cidade) da província romana da *Britannia*, gerado pelo poder de atração do santuário da deusa *Sulis* Minerva. Os romanos chegaram nessa região no primeiro século de nossa era, provavelmente após o ano 43 d.C., onde encontraram um santuário das águas termais nativo no vale do rio Avon, no sudoeste da atual Inglaterra. Roma construiu uma espécie de reservatório ao redor das águas e uma série de fontes termais (GREEN, 2006: 200). A monumentalização é datada do período Flaviano (HENIG, 2006: 224), em torno do templo, do altar, e da fonte, foi delimitado um grande pátio por um pórtico com colunas. Ainda não há evidências de que a cidade tivesse outro foco de atração para os bretões além de suas fontes quentes, as quais atraíam peregrinos procurando por curas de doenças, ou para participar dos rituais e cerimônias em honra da deusa *Sulis*.

A *interpretatio*³¹ *Sulis* Minerva foi facilitada devido a algumas de suas características compartilhadas, a maioria sobre combates e cura. Essa “nova” divindade,

³¹ Designava a intermediação entre romanos e estrangeiros nas transações comerciais agora adquirem novos sentidos com a inovação religiosa do Principado. *Sulis* foi, provavelmente uma divindade cujo poder de cura foi fundado sobre a capacidade de suas sagradas fontes de água quente para aliviar o sofrimento e curar enfermidades (seja de origem física ou espiritual). *Sulis* (*Sul*, *Sulla*, *Sulei*) é a deusa das fontes quentes de

Sulis Minerva, era realmente diferente de Sulis, ou de Minerva. Rudolf Haensch (2009: 181-182) foi o primeiro a dizer que as divindades interpretadas não são uma soma de uma e de outra, ou uma mais poderosa do que outra, e sim divindades novas. A habilidade de curar permaneceu em seus atributos, porém a influência de Minerva fez com que Sulis se tornasse mais associada com as artes e ciências.

A prática da *interpretatio* foi possível porque havia pouca razão para os romanos proibirem ou desencorajarem o culto aos deuses locais. Os romanos tinham a ideia de que a religião era estritamente ligada a uma cidade específica ou a uma comunidade, pois eles também tinham suas próprias divindades e ritos públicos. As autoridades incentivavam a manutenção dos cultos locais (MENDES E OTERO, 2005: 203). De certa forma, quando os romanos conquistavam um povo, também chegavam a honrar os deuses locais. Através da epigrafia há testemunhos de que oficiais militares e civis romanos prestavam homenagem a divindades nativas. Sulis Minerva é um exemplo disso, pois mesmo sendo uma espécie de hibridização de atributos bretões e romanos, ela não deixa de ser uma deusa nova para as duas culturas que se encontravam no *oppida*.

A deusa Minerva em *Aquae Sulis* sempre foi Sulis ou Sulis Minerva, nunca simplesmente Minerva. Uma característica interessante dessa nova deusa está no seu próprio nome, pois até onde se conhece, é bastante raro o nome de uma divindade nativa preceder o romano. Esse fato levanta algumas hipóteses, desde a mais ingênua à mais complexa. Por exemplo, Roma poderia ter feito isso porque reconheceu a importância da deusa Sulis e passou a admirá-la; ou percebera a importância da deusa local para os nativos e decidiu elaborar esse nome como um mecanismo para facilitar as trocas

Aquae Sulis. O nome em latim significa literalmente “as águas de Sulis”. Fontes, assim como rios, eram frequentemente associados em cultos celtas com a fertilidade, a deusa mãe e a cura. Apesar da discussão do sítio tender a se concentrar no templo e na nascente, é provável que a maior parte da cidade fosse dedicada à deusa, como é indicado pelo seu nome. (REVEL, 2009: 119).

(comerciais e culturais) entre os bretões³²; ou então, o que talvez seja mais provável, uma mistura desses dois casos, pois o novo santuário se tornou famoso para os romanos também.

Os deuses, a religião e a magia

Para um romano, os deuses estavam em todos os lugares, eram forças poderosas com interesses em todos os aspectos da vida. Na própria Roma, o Senado podia apenas fazer esses “encontros³³” no templo, uma área designada como espaço religioso pelos augúrios (REVEL, 2009: 110). Antes do encontro, os auspícios precisavam ser tirados para saber se os deuses eram favoráveis ou não, quaisquer negócios realizados sem a sanção divina poderiam ser declarados inválidos.

Embora o que se conhece como magia antiga tenha alguma semelhança superficial com a religião, as diferenças são fundamentais, pois a religião é uma tentativa aberta e pública para se comunicar com os deuses e propiciar consultas e possíveis favores, enquanto a magia opera em segredo e procura manipular poderes sobrenaturais em seu benefício pessoal, frequentemente, a fim de prejudicar inimigos. Magia vem do grego *magéia*, que derivou para o termo latino como *magia* (CAMPOS, 2009: 17). Era uma forma de produzir, por meio de certas ações, palavras e por adoração de espíritos, gênios, demônios e até mesmo deuses, efeitos e fenômenos extraordinários, contrários as leis naturais.

Possivelmente a oposição entre religião e magia está no fato das sociedades antigas, no caso a grega, acreditarem na ação eficaz e imediata da magia.

³² Isso porque a *Britannia* fora um lugar conflituoso desde o início da sua conquista e a chegada dos romanos a cidade acontecera pouco tempo depois da guerra sangrenta e extremamente violenta contra Boudica.

³³ Uma comunicação mais direta e oficial com os deuses, seja para agraciá-los ou aplacá-los com oferendas, seja para obter conselhos (SCHEID, 2007: 265). Essa ligação entre o mortal e o divino realizada no templo provavelmente eram realizadas para assuntos mais urgentes e que poderiam estar relacionados com o bem estar de toda a *Vrbs*. Para uma relação mais pessoal, era possível a ação individual de um homem ou mulher com a divindade, através de orações e oferendas próprias (KAUFMANN-HEINIMANN, 2007: 198). Essa aproximação com o divino pode ser sentida mais efetivamente com o culto doméstico, no qual podem estar presentes pequenas estatuetas de deuses, pinturas do *lararium*, e o culto ao *genius* do *pater familias*.

Algumas destas práticas mágicas faziam parte de ritos e cerimônias religiosas que visavam o benefício da coletividade. (CANDIDO, 2002: 25)

As inscrições nos tabletes, muitas vezes pediam ajuda divina para a retribuição quando a lei fosse considerada insuficiente para a tarefa: vingar a perda ou a obtenção do retorno de alguém ou algo, punir os rivais e traidores. Definir a diferença entre magia, religião e ciência permanece uma tarefa árdua e complexa, ainda mais se tratando da Antiguidade. Magia mantém seu aspecto ambíguo, pois nas religiões antigas (egípcias, helenas, romanas, bretãs) ela serve para articular uma ciência (já que apresentam uma técnica correta e pessoas e palavras específicas para realizá-la) e religião (pois sua eficácia pressupõe nas crenças de quem a pratica). Orações não são palavras específicas ou fazem parte de um ritual mágico. A magia não pode ser aceita como religião, mas sim como um mecanismo no qual os deuses podem ser controlados pelos mortais (HENIG, 2003: 32). As orações eram dirigidas aos deuses, os quais eram agentes livres, não obrigados a responder.

Portanto, as divindades eram como forças da natureza, seguiam seu próprio rumo e podiam beneficiar tanto como prejudicar alguém. Entretanto, os deuses provavelmente acatariam os pedidos se o indivíduo fornecesse à eles algo em troca. Poderia ser a promessa de um altar, um sacrifício ou algo mais, por exemplo, uma *nuncupatio*, uma declaração a qual serviria como uma espécie de “contrato” entre o indivíduo e a deidade. Um romano via como *superstitio* tudo aquilo que não estava relacionado ao ritual ensinado e transmitido pelos ancestrais e que não fosse aceito pela tradição (CAMPOS, 2009: 44). Somente seria legitimado um ritual se ele fosse medido pelos sacerdotes da religião institucionalizada.

O termo *religio* não designa laços sentimentais diretos ou pessoais do indivíduo com a divindade, mas um conjunto de regras formais e objetivas oriundas da tradição para o relacionamento com os deuses (BELTRÃO, 2011: 3). Portanto, a religião consiste em cultivar corretamente as relações sociais com os deuses, celebrando os ritos que

consagram esta comunhão e garantindo a obtenção dos favores divinos. A religião caracterizou-se como um sistema pelo qual a comunidade da cidade afirmava sua coesão e dava coerência aos seus empreendimentos. Os romanos absorveram muito das culturas vizinhas, principalmente da etrusca e da helena, e importaram muito nas maneiras de construir os templos, imagens e estátuas de seus deuses. Os sacrifícios eram seguidos de banquetes (SCHEID, 2007: 266), e construções de casas ou longas viagens poderiam ser consideradas pequenos sacrifícios.

Os tabletes

Ao que parece, a análise dos tabletes do santuário (ainda em processo pela pesquisa) indica que existiram dois meios dos bretões se comunicarem com a deusa local em troca de favores. Em um primeiro momento, percebe-se a presença de tabletes com características claras de um *defixio*, um tablete de maldição, relacionado á rituais de magia. Porém, há também tabletes diferenciados, não podendo ser classificados simplesmente como *defixiones*. Esse contraste gera uma dúvida pertinente, pois o que teria causado esse contraste encontrado simultaneamente em se comunicar com a deusa? Essa diferenciação (tabletes voltados para ação imperativa e outros para a súplica) já fora percebida por pesquisadores brasileiros de magia antiga, como Maria Regina Cândido e Carlos Eduardo da Costa Campos.

Normalmente os *defixiones* são finas tábuas revestidas de metal ou couro, nas quais são feitas inscrições em um latim vulgar típico das províncias romanas (HAENSCH, 2007: 185). A função delas é de influenciar, por maneiras sobrenaturais, as ações humanas e o bem estar de pessoas ou animais. O chumbo era martelado em uma fina folha, inscritos com uma caneta *stylus*, (estilete, modo de escrever), muitas vezes, dobrado ou enrolado e perfurado com um tipo de prego especial para "conservar" seu poder (*defigo*). O tablete podia ser colocado em um recipiente de chumbo selado por si ou com outros

materiais e depositados em água parada ou corrente em uma cova ou túmulo, ou afixada plana na parede de um santuário³⁴.

Essas inscrições se dividem em dois aspectos. Uma em que se pede à divindade que prejudique alguém, frequentemente gerado por um desejo de vingança, seja por uma ofensa sofrida ou por ter sido roubada (geralmente esse tipo de tablete trata-se de um *defixio*, ou seja, uma prática mágica). Em outro aspecto, há a dedicação da pessoa para essa divindade, agradecendo pela sua ajuda em algo ou para receber favores divinos (HAENSCH, 2007: 186), o que nesse caso, não demonstra ser um ritual mágico, mas sim religioso. Por esse motivo, na bibliografia britânica, os *defixiones* também são chamados de tábuas de maldição ou tábuas de justiça. Acredito que o termo *defixio* seja mais apropriado aos tabletes encontrados com marcas de perfurações, o que caracteriza que o tablete tivesse um objetivo de prejudicar alguma pessoa ou conter algum tipo de energia exterior e sobrenatural. Para os demais, tratar-se-iam então de tabletes com pedidos normais à deusa.

As maldições geralmente eram a última tentativa da pessoa que se sentiu prejudicada ou ofendida para conseguir algum tipo de justiça. A tradição de escrever maldições parece ter se originado na Grécia, por volta do século V a.C.³⁵ Ela se espalhou por todo o continente ocidental ao longo dos anos. A maioria dos *defixiones* se dirigia à Hécate (deusa da magia, morte, nascimento, renovação), Deméter (deusa da colheita, da terra) e sua filha, Perséfone. Pois elas tinham uma conexão com a morte ou

³⁴ Com escavações mais cuidadosas sendo realizadas ultimamente e por causa inclusive da utilização de detectores de metais, o número de tabletes encontrados está aumentando (HAENSCH, 2009: 186).

³⁵ Em Atenas, os *defixiones* eram chamados de “katádemos” e tinham um sistema distinto. As inscrições solicitavam permissão de fazer uso das almas de pessoas que não conseguiram seguir um ciclo de vida adequado, que era nascer, viver, tornar-se adulto e envelhecer. Ou seja, eram utilizadas almas de crianças, suicidas e pessoas assassinadas (CANDIDO, 2011: 1 – 2, disponível em: <http://www.nea.uerj.br/publica/artigos/21558898-Os-atenienses-seus-deuses-e-a-sua-vinganca-atraves-dos-Katadesmoi.pdf>). O nome em grego tem o sentido de amarrar, atar, prender alguém embaixo da terra. Este mecanismo era facilitado pela divindade evocada. Claramente, no final do século I a.C., a comunicação entre a *Britannia* e o continente estava muito bem estabelecida. Havia um comércio marítimo desde o século IV a.C.

com o mundo inferior. Maldições foram escritas em cera, cerâmica quebrada, ou chumbo, e materiais da terra. Portanto, eram intimamente ligadas ao submundo. (ADAMS, 2006: 2) Outro deus característico que era mencionado era Mercúrio, muito provavelmente pela sua liberdade de transitar entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.

O historiador Carlos Eduardo da Costa Campos, ao estudar os tabletes com inscrições na região de Sagunto, Península Ibérica, quando esta província fazia parte do Império Romano, demonstrou duas versões de como esses tabletes podem ser interpretados:

O pesquisador Pulleyn, na obra *Prayer In Greek Religion*, nos aponta que esses atributos ctônicos estão relacionados aos deuses que possuem uma ligação com a terra e o mundo subterrâneo. Pulleyn destaca, em seus estudos, que as divindades eram evocadas porque a qualidade ctônica era vista como obscura e misteriosa, além de haver uma associação da justiça com a terra. O estudioso Valerie Flint, em *Witchcraft and Magic in Europe*, apresenta uma visão divergente à de Pulleyn. Flint reflete que a qualidade ctônica tem pouca relação com as preces por justiça, sendo estes cultos geralmente direcionados à principal divindade da região, não necessariamente ligada à terra ou ao submundo. (CAMPOS, 2010: 51)

Sulis Minerva, por ser uma deusa controladora da saúde, era desse modo, uma deusa perfeita para esses pedidos de justiça na forma de maldição. Afinal, ela seria capaz de julgar se o pedido no tablete era justo ou não, e então, através de seu poder divino, poderia aplicar o castigo na pessoa que estava ali marcada, retirando sua saúde, física ou espiritual. Sulis Minerva não era mais vista apenas como uma deusa que zelava pela saúde das pessoas, mas que também era encarregada de uma justiça acima dos homens. Seu poder medicinal estava relacionado à água das nascentes, desse modo lugar e divindade mantêm uma relação de íntima reciprocidade. Isto fica mais evidente pelo fato dos tabletes serem depositadas na fonte sagrada, assim como as oferendas à deusa (REVEL, 2009: 177). A construção da identidade dos deuses se faz primordialmente nos espaços destinados à sua adoração e ritualização. O espaço, seja ele um santuário, templo, floresta, nascente, cria e reconhece a divindade escolhida. Os tabletes, sendo

endereçados à Sulis Minerva, implicavam que somente ela deveria ter conhecimento de seu conteúdo e suas informações eram vedadas aos vivos.

É importante conhecer qual era a região na qual o tablete era depositado, essa questão poderia ratificar o seu potencial (no caso das *katádesmoi* gregas, a sua força residia na magia, enquanto nos tabletes bretões, suas interações divergiam entre imposições mágicas e pedidos religiosos, com uma divindade específica). As sepulturas, o fundo de poços, fendas nas paredes de santuários e templos eram locais relevantes para o tablete ser depositado, devido o contato com o sagrado (CAMPOS, 2009: 16). No caso dos tabletes encontrados no santuário de Sulis Minerva, praticamente todos estavam na Fonte Sagrada.

A maioria dos *defixiones* encontrado na *Britannia* lida com roubo, um número muito maior se comparado com o mundo greco-romano. As duas divindades mais comuns eram Sulis Minerva, em *Aquae Sulis* e Mercúrio, em Uley (HAENSCH, 2007: 186). Entretanto, mesmo que essa maioria lide com roubo, não se pode generalizar e pressupor que o furto era uma atividade que ocorria em larga escala na cidade. Deve-se lembrar de que se tratava de um santuário famoso, bastante frequentado, sendo muito possível que fossem depositados milhares de *defixiones* e tabletes religiosos ao longo dos séculos. Os artigos roubados são itens portáteis, poucos com algum alto valor. Eram roupas, moedas e alguns anéis. Mas aqui as sutilezas jurídicas vêm em: se a implicação é que o ladrão é um homem e que o crime foi perpetrado por uma mulher, a deusa não será capaz de ajudar (HENIG, 2006: 228). Da mesma forma, se o ladrão era um escravo, seja de ambos os sexos, tinha que ser lembrado que o escravo era um bem móvel, e a maldição ficava desse modo sem energia.

Tablete 1:

[D]ocimedis
[p]erdidi(t) mani-
cilia dva qvi
illas involavi(t)
vt mentes sva(s)
perd[at] et
ocvlos sv[o]s
in fano vbi
destina[t]

“Docimedis perdera duas luvas. Ele pede que a pessoa que as roubou perca sua mente e seus olhos no templo onde (ela, a mensagem) aponta.” (ADAMS, 2009: 7)

A palavra latina “*ut*” nesse tablete aparece como uma referência a algum tipo de desejo e os erros de latim, como omissões de “*t*” no final de algumas palavras são bem comuns nos tabletes, não apenas na província da *Britannia*, mas em todas as regiões do Império que foram adquirindo um latim inicial, como por exemplo, inscrições atestadas em Pompeia (ADANS, 1992: 6).

O latim coloquial nos tabletes sugere que a maioria das dedicações foi escrita por membros da população com pouco acesso a uma educação formal. Uma hipótese plausível é de que grande parte dos roubos aconteceu nos banhos, por isso o grande número de moedas perdidas. Isso também sugere que grande parte das suplicações era de indivíduos de um nível social mais baixo, sendo que a vítima não podia sustentar um escravo próprio, ou pagar um para que tomasse conta de suas coisas. Por outro lado, a perda pode ser devido ao pouco cuidado dos patronos nos banhos, perdendo seus itens, como os anéis, e então instantaneamente suspeitaram de roubo.

Tablete 2³⁶:

Vricalvs, Do[c]ilosa vxor sva,
Docilis filivs svvs et Docilina,

³⁶ Fonte encontrada no site da Universidade de Nova Rochelle (The College of New Rochelle). <http://www2.cnr.edu/home/araia/defixiones.html>, acessado no dia 22 de outubro de 2011.

Decentinvs frater svvs, Alogiosa,
nomina<a> eorvm qui ivravervnt.
qvi ivravervnt ad fontem
deae Svli[s]
prid[i]e Idvs Apriles. qvicvmqve illic per-
ivraverit deae Svli faciais illvm
sangvine svo illvd
satisfacere.

“Uricalus³⁷, sua esposa, Docilosa, o filho dócil de Docilina, Decentinus e seu irmão, Alogiosa, os nomes daqueles que fizeram um juramento sob a fonte da deusa Sulis no dia antes dos idos de Abril. Todos aqueles que lá permaneceram, juro pela deusa Sulis que podes fazê-lo com seu próprio sangue para satisfazê-la.”

Este tablete é uma folha retangular de liga de estanho ou chumbo, plana e não perfurada, embora ligeiramente danificada no canto inferior esquerdo e superior central. Foi inscrita em um dos lados com uma *stylus* em escrita cursiva datada de 200 d.C., em seguida, jogada na nascente quente da deusa que a guarda. É um pedido que apresenta uma ameaça como punição preventiva mortal para indivíduos nomeados de uma família se eles quebrassem o juramento que realizaram no santuário da deusa.

Utilizando uma metodologia elaborada por historiadores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (CANDIDO [et al.], 2011: 18), adaptei o método de análise do discurso mágico para facilitar a compreensão dos tabletes acima. Analisando analiticamente os tabletes, temos:

Solicitante:	Tablete 1: Docimedis.	Tablete 2: Provavelmente, Uricalus.
Objetivo do tablete:	Punir o ladrão.	Garantir uma promessa realizada.
Local:	Fonte do templo.	Fonte do templo.

³⁷ Provavelmente é o mais velho dos dois irmãos. Os indivíduos em suas famílias estão listados por nome nesta tábua (Uricalus tem uma esposa, filho e filha; Decentinus é nomeado, provavelmente, com sua esposa). O juramento que tomaram pode ser relacionado com a alienação de bens herdados, o que explicaria a importância de guardá-la com uma maldição. Letras entre colchetes são adições ao texto.

<p>Enunciado pessoal:</p>	<p><i>[D]ocimedis [p]erdidit)manicilia dva qvi illas involavit)</i></p> <p>Docimedis perdera duas luvas.</p>	<p><i>Uricalus, Do[c]ilosa uxor sua, Docilis filius suus et Docilina, Decentinus frater suus, Alogiosa, nomina<a> eorum qui iuraverunt. qui iuraverunt ad fontem deae Sulis[s] prid[i]e Idus Apriles.</i></p> <p>Uricalus, sua esposa, filho e cunhado fazem um juramento na fonte.</p>
<p>Ação do pedido:</p>	<p><i>Vt mentes sva(s) perd[at] et ocvulos sv[o]s in fano vbi destinat]</i></p> <p>Pede que a pessoa que as roubou perca sua mente (consciência) e seus olhos.</p>	<p><i>Qvicvmqve illic perivraverit deae Svlis faciais illvm sangvine svo illvd satisfacere</i></p> <p>Juro pela deusa Sulis que pode se satisfazer com o sangue de todos com os nomes no tablete.</p>

Nesses dois tabletes analisados, mesmo com pedidos distintos, não se encontram características de um ritual mágico (inscrição anônima, perfuração do tablete por um *defigo* e verbo no modo imperativo). Nesse caso, é mais provável que estamos lidando com um pedido religioso, sendo que no segundo tablete há uma tentativa de acordo com a deusa Sulis Minerva.

Há também tabletes relatando roubos que aconteceram em suas próprias casas. Examinando os tabletes romano-bretões, fica evidente que a maioria delas foi escrita por uma classe mais baixa. Eram donas de um pequeno punhado de dinheiro, e os tabletes de couro eram baratos de serem produzidos.

Os tabletes de *Aquae Sulis* são em sua maioria muito mal escritos, o que torna difícil distinguir o que poderiam ser erros fonéticos de palavras perdidas (ADANS, 1992: 24). Alguns erros como a omissão final de “t” e “s” é bem comum pelo Império, tendo pouco a dizer sobre o possível status social do escritor do tablete. Desse modo, essa tarefa só pode ser realizada através do conteúdo do tablete e não na forma como foi escrito.

Se os tabletes eram principalmente usados somente pelas classes baixas, porém, é muito possível que as classes mais altas os usavam quando sentiam que a ajuda divina era a única disponível (ADAMS, 2009: 10) ou a magia agisse de forma imediata. A maioria dos nomes dos suplicantes eram de nativos. É importante, ao analisar essa “estranha” atitude religiosa, distanciar-nos de nossos olhares modernos para o passado, especialmente quando se trata da religião.

Uma questão que se levanta era por que essa pessoa que foi roubada não procurou alguma autoridade local para reportar o crime? Primeiramente, essa sociedade romano-bretã era extremamente religiosa, os deuses estavam presentes no mundo dos vivos, existia uma relação muito próxima entre o humano e o divino, por diversos mecanismos, como os rituais, festivais, sacrifícios e orações. Procurar uma ajuda divina talvez fizesse mais sentido do que procurar uma ajuda local. Aliás, era mais provável que, para os habitantes, pedir auxílio a uma divindade surtasse mais efeito. As inscrições demonstram claramente o tipo de reparação que o indivíduo desejava, era uma maldição forte, que acarretava no sofrimento e na morte do amaldiçoado.

Outra dúvida que surge ao analisar esses tabletes é sobre a natureza dramática e violenta dos pedidos inscritos. Por que visavam fazer um mal por objetos, que aparentemente, tinham apenas pouco valor? Uma possível resposta para isso pode ser encontrada no estudo do contexto social da *Britannia* pós conquista romana. A guerra, as batalhas diretas e os movimentos de resistência provavelmente serviram para modificar as relações que os bretões tinham com a vida cotidiana e com a morte. A anexação romana transformou a cidade, modificou edifícios, construíram-se estradas, o “mundo bretão” saiu de seu eixo e para a população local se conformar com isso levaria algum tempo. Os bretões se confrontaram com situações novas que talvez não pudessem garantir respostas suficientes às suas necessidades. Com novos obstáculos para serem transpostos, o desejo de uma maior justiça divina torna-se possivelmente a melhor

alternativa. Devido ao fato de Sulis Minerva ser uma deusa de águas medicinais, essa justiça divina viria através da pouca saúde, sofrimento e morte.

A reigião garantia a ordem estabelecida e excluía o poder fundamentado no medo, pois o relacionamento com o divino era feito de forma racional. Todos eram capazes de honrar os deuses e de praticar os cultos que quisessem, sob a condição de respeitar o culto público, da mesma forma que respeitavam a ordem pública e a liberdade dos cidadãos. O pensamento politeísta permitiu que o indivíduo tivesse sua divindade pessoal e preferida, unindo-se ao gesto convencional do ritual do Estado. Esta é outra indicação de que o ritual e não a crença era o centro da religião romana.

Entrar nas mentes das pessoas do passado não é possível, então se torna difícil “provar” arqueologicamente o que elas realmente acreditavam, ou o quão forte era a crença. Entretanto, isso aumenta a questão de até onde a ideia de crença é apropriada nesse contexto. Não se trata apenas de quem era cultuado, mas como essa divindade era adorada. Como as provinciais romanas eram em muitos respeitos, não literárias, é possível que a maioria dos religiosos talvez tenha encontrado a fé religiosa através do ritual. Seus conhecimentos religiosos se baseavam, em parte, nas repetidas cerimônias de adoração. No caso dos *defixiones*, talvez fosse uma maneira da população aliviar suas frustrações, seus problemas pessoais do dia-a-dia.

À luz da questão sobre ritual e magia, parece que a deposição em si teria sido tão importante quanto as palavras escritas nos tabletes (geralmente eram depositados fora do alcance dos olhares de outras pessoas). Bons exemplos disso são alguns *defixiones* (ADAMS, 2009: 11), que simplesmente fornecem uma lista de nomes sem qualquer encantamento ou fórmula óbvios, apenas com nomes escritos. Afinal, o *defixio* trata-se de uma magia obscura, realizada clandestinamente. Mas seria tolice supor que não havia nenhum ritual associado a estes tabletes de maldição. Pode ser que as palavras podem ter sido faladas enquanto o *defixio* era depositado ou talvez que simplesmente depositando-o fosse o suficiente para ganhar a atenção de Sulis Minerva. Os tabletes procuraram quer

“justiça”, a partir da perspectiva do autor, ou vingança por um erro anterior, o que sugere um motivo completamente diferente. Esta atitude foi também predominante em algumas áreas do continente, mas o uso exclusivo de tabletes de maldição como "orações pela justiça" na *Britannia* Romana fornece um exemplo convincente de um processo regional de interpretação própria da população local.

Referências Bibliográficas

ADAMS, Geoff. The social and cultural implications of curse tablets [defixiones] in Britain and on the Continent, **Studia Humaniora Tartuensia 7.A.5**, 2006.

ADANS, J.N. British Latin: The Text Interpretation and Language of the Bath Curse Tablets. **Britannia**. V. 23, 1992: 1-26.

ANDRINGA, W. van. Religions and the Integration of Cities in the Empire in the second century AD: the Creation of a Common Religious Language. In RÜPKE, J. (org.) **A Companion to Roman Religion**. The Blackwell Publishing, 2009: 83-95.

BELTRAO, C. Interações religiosas no Mediterrâneo romano: práticas de *acclamatio* e de *interpretatio*. In: CANDIDO, M. R. **Memórias do Mediterrâneo Antigo**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2010: 42-60.

_____. **Cidadania e Religião na Roma Antiga**. In: BUENO, A.S. (org.) *Historia e Cidadania. Anais do V Colóquio de Historia do Vale da União*. União da Vitória: Fund. Araucaria/FAVIUV, 2011.

CANDIDO, Regina Maria. Magia dos katádemas: técnica do saber-fazer. **Hélade 3 (1)**, 2002: 23-34.

CANDIDO, Maria Regina [et al.]. Novas perspectivas sobre a aplicação metodológica em história antiga. In: BELTRÃO, Claudia [et al.](org.) **A Busca Do Antigo**. Rio de Janeiro, Tarepa, Nau, 2011: 13 – 23.

CUNLIFFE, Barry. Britain and the Continent: Networks of Interaction. In: TODD, Malcolm. (org.) **A Companion to Roman Britain**. Oxford. Blackwell Publishing Ltd, 2006: 1-12.

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. **As Tabellae Defixionum de Sagunto: As Práticas Da Magia E Das Interações Culturais Na Península Ibérica (Séculos I E II D.C.)**. Rio de Janeiro: UERJ, 2009.

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. Os seis defixiones de Sagunto – a vingança dos saguntinos através das práticas de magia. **Revista NEARCO** n. 1, 2010: 50 – 77.

GEERTZ, Clifford. A Religião como sistema cultural. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC — Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 2008: 65 - 91.

GREEN, Miranda. Gallo-British Deities and their Shrines. In TODD, Malcolm. (org.) **A Companion to Roman Britain**. Oxford. Blackwell Publishing Ltd, 2006.

HAENSCH, Rudolf. Inscriptions as Sources of Knowledge for Religions and Cults in the Roman World of Imperial Times. In: RÜPKE, J. (org.) **A Companion to Roman Religion**. The Blackwell Publishing, 2007: 176-188.

HENIG, Martin. Roman Religion and Roman Culture in Britain. In: TODD, Malcolm. (org.) **A Companion to Roman Britain**. Oxford. Blackwell Publishing Ltd, 2006:220-242.

HENIG, Martin. **Religion in Britain**. Londres, Editora BT Batsford Ltd, 2003.

MENDES, Norma Musco e OTERO, Uíara Barras. Religiões e questão de cultura, identidade e poder no Império Romano. **PHOENIX 11**, 2005: 196-220.

REVEL, L. **Roman Imperialism and local identities**. Cambridge University Press, 2009.

SCHEID, John. Sacrifices for Gods and Ancestors. In: **A Companion to Roman Religion**. Oxford. Blackwell Publishing Ltd, 2007: 263-272.